

## A decadência do coronelismo em Ilhéus: uma análise política, social e de gênero em *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado<sup>1</sup>

### The decadence of coronelismo in Ilhéus: a political, social, and gender analysis in *Gabriela, Cravo e Canela*, by Jorge Amado

Regno Henrique SUMERA<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo analisa o coronelismo retratado no romance literário *Gabriela, Cravo e Canela*, escrito por Jorge Amado e publicado em 1958. Entendemos coronelismo enquanto um sistema social brasileiro, tendo seu fim reconhecido na década de 1930. Na República, o coronel adquire papel político, como intermediário entre a população e o governo. Como análise, identificamos o coronelismo na ficção do escritor em três segmentos: político, social e de gênero. Desta forma, buscamos analisar, por meio do texto de Amado, as nuances envolvidas nas relações dos coronéis com a sociedade local e entre a família. O escritor retrata Ilhéus imersa na *belle époque*, onde os sentidos de civilização e de progresso são instrumentalizados pelos coronéis. No entanto, no tempo da narrativa o poder e influência desses coronéis entra em declínio. Se a Ilhéus dos coronéis irradia modernidade, Amado pontua que as mudanças sociais não seguem o mesmo ritmo. Essa investigação perpassa pelo estudo do uso da literatura como fonte histórica e da representação enquanto metodologia abordada por Roger Chartier.

**Palavras-chave:** Jorge Amado; Coronelismo; *Gabriela, Cravo e Canela*; História; Literatura.

**Abstract:** This article analyzes the coronelismo portrayed in the literary novel *Gabriela, Cravo e Canela*, written by Jorge Amado and published in 1958. We understand coronelismo as a Brazilian social system, recognized as ending in the 1930s. In the Republic, the coronel acquires a political role as an intermediary between the population and the government. As an analysis, we identify coronelismo in the writer's fiction in three segments: political, social, and gender. In this way, we seek to analyze, through Amado's text, the nuances involved in the relationships of the coronéis with the local society and among family members. The writer portrays Ilheus immersed in the *belle époque*, where the senses of civilization and progress are instrumentalized by the coronéis. However, in the time of the narrative, the power and influence of these coronéis decline. If the coronéis' Ilheus radiates modernity, Amado notes that social changes do not follow the same pace. This investigation involves the study of the use of literature as a historical source and representation as a methodology approached by Roger Chartier.

**Keywords:** Jorge Amado; Coronelismo; *Gabriela, Cravo e Canela*; History; Literature.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado na I Mostra de Pesquisa, Ensino e Extensão do IELACHS – UFTM.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Licenciatura em História na Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, campus de Uberaba, sob orientação da Prof<sup>ra</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra Mara Dantas.

## Introdução

O presente artigo<sup>3</sup> tem como intuito analisar a questão do coronelismo sob a ótica do escritor Jorge Amado em seu livro *Gabriela, Cravo e Canela* (2008). Publicado pela primeira vez em 1958, ao longo das quase 400 páginas Jorge conta com riqueza de detalhes sobre a terra, o povo, os hábitos da cidade de Ilhéus, “naquele ano de 1925, quando floresceu o idílio da mulata Gabriela e do árabe Nacib” (AMADO, 2008, p.17).

O livro tem como espinha dorsal a relação de Gabriela com Nacib. A retirante ao chegar em Ilhéus encontra trabalho na casa do “turco”, dono do Bar Vesúvio, ponto de encontro dos homens ilheenses. A história de amor do árabe e de sua *bié* não nos interessa aqui, porquanto iremos destrinchar a representação dos coronéis do cacau feita por Jorge Amado.

Em primeiro momento, devemos pensar na História representada na literatura, pois, segundo Sevcenko (1999, p. 20), ela, a literatura moderna, “constitui possivelmente a porção mais dúctil, o limite mais extremo do discurso, o espaço onde ele se expõe por inteiro [...]”. Sidney Chalhoub (2003, p. 55) define que “a literatura busca a realidade, interpreta e enuncia verdades sobre a sociedade, sem que para isso deva ser a transparência ou o espelho da ‘matéria’ social que representa e sobre a qual interfere”. A obra literária, portanto, adquire importância histórica de modo em que se identifica nela o retrato de uma época. Camilotti e Naxara (2009, p. 39) apontam como um dos possíveis usos da literatura pela história “o texto literário como substrato para o escrutínio de percepções, representações, figurações, por meio das quais se buscam os movimentos de instituição de imaginários”.

Por representação, tomamos o conceito desenvolvido por Roger Chartier como “o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma ‘imagem’ capaz de repô-lo em memória e de ‘pintá-lo’ tal como é” (1991, p. 184), sendo as “‘representações’ construções sociais da realidade, em que os sujeitos fundamentam suas visões de mundo a partir de seus interesses e de seu grupo” (COELHO, 2014, p. 95). Na obra, os coronéis são representados pelo

---

<sup>3</sup> Este artigo fora criado a partir de um trabalho da disciplina Brasil Republicano I com a proposta de desenvolver uma produção de texto dialogando com algum elemento do período republicano, precisamente entre 1889 e 1964, período do qual a disciplina se orienta, sendo o escolhido a produção cultural retida na análise de uma obra literária focalizando a questão em torno do coronelismo, sistema social presente nas primeiras décadas republicanas.

escritor como chefes da elite política local em franco processo de decadência em uma Ilhéus marcada pelos discursos de progresso e de civilização. A decadência é marcada pela chegada do engenheiro Mundinho Falcão e pelas mulheres operando mecanismos de resistência ao controle dos homens da cidade.

Diante do exposto e antes de entrar mais a fundo na análise dos coronéis e de suas relações na obra, convém refletir sobre a questão da qual iremos tratar, o coronelismo. Enquanto um sistema social, o coronelismo se fez numa política de trocas de favores entre o poder público e o poder dos chefes locais. Arruda (2013, p. 6), ao ponderar quanto ao papel dos antigos coronéis da Guarda Nacional do período imperial, reflete que, posteriormente “a burocratização do estado republicano [...] serviu apenas de instrumento de manipulação dos mesmos [os coronéis] para reavivarem seu poder e continuarem ‘mandando’ em seus municípios”. Na primeira república, os coronéis adquirem papel político, pertencendo a uma “rede de alianças” (ARRUDA, 2013, p. 6), sendo “intermediários entre o governo e a população” (ibidem). São aqueles que dominam a máquina pública republicana, que apadrinham os filhos dos aliados, que, como dito, trocam favores e proteção. Enquanto sistema político, perdurou até a década de 1930, morrendo “simbolicamente quando se deu a prisão dos grandes coronéis baianos, em 1930. Foi definitivamente enterrado em 1937, em seguida à implantação do Estado Novo...” (CARVALHO *apud.* ARRUDA, 2013, p. 9).

Os coronéis baianos, por sinal, são os retratados na obra citada de Jorge Amado. O escritor nascera em 1912 no estado da Bahia, em Itabuna, falecendo em 2001 na cidade de Salvador. Interessante notar que o escritor era filho de um coronel, de nome João Amado de Faria, conforme relata em sua autobiografia *O Menino Grapiúna* (2010). Em outro livro seu, *Navegação de Cabotagem* (2012), Jorge conta sua proximidade com os coronéis do cacau:

Na saga de matar e morrer conquistaram a terra virgem, desbravaram a mata, comandaram jagunços, plantaram as árvores dos frutos de ouro, ergueram cidades, semearam cruzeiros nos caminhos abertos pelas tropas de burros, nos atalhos das tocaias. Minha mãe Eulália dormia com a repetição sob o travesseiro, o marido, coronel João Amado de Faria, ausente, nos rumos da guerra, à frente dos cabras. Da coragem indômita nasceu a civilização grapiúna (os poetas, os ficcionistas, tantos), batida sobre o sangue derramado. Os coronéis do cacau, eu os aprendo, irão ser meus personagens nas histórias de espantar. (AMADO, 2012, p. 65)

De fato, são seus personagens ao longo das inúmeras obras que escreveu. No entanto, nosso objeto de pesquisa é *Gabriela, Cravo e Canela*. Livro singular da pena de Jorge Amado, inaugurou uma nova fase de sua escrita, muito mais cronista do que autor doutrinário. José Paulo Paes credits essa mudança ao fim do “mito stalinista” que “aliviara finalmente os escritores de esquerda das coerções mais tirânicas do chamado realismo socialista” (2008, p. 399-400). Para Durão e Peruchi (2022, p. 205), é exemplar desta mudança um novo narrador amadiano, “que lida com o discurso indireto livre de uma forma mais rica e matizada”. Além disso, “se, nos romances anteriores, uma preocupação política regulava todo o aparato narrativo, agora a crítica social fica subordinada a um princípio de ironia” (DURÃO; PERUCHI, 2022, p. 206).

Sabemos, portanto, que Amado era filho do coronel João e desde tenra idade mantivera contato com outros iguais ao pai, seus futuros personagens. Conforme Santos (2009, p. 1-2) demonstra, a literatura é uma “representação”, de uma determinada sociedade, acreditando que os discursos literários não são neutros já que esses reproduzem interesses e aspirações dos autores e da sua época”.

Dividamos, pois, a retratação do coronelismo por Jorge Amado em três vieses: um político, um social e outro de gênero. Esta tripartite abarca a atuação dos coronéis em sociedade, atuantes enquanto sujeitos políticos, e em família, enquanto pais e maridos e em suas relações com as mulheres da trama.

### **Coronelismo e política: artimanhas e alianças**

O chefe do poder político na Ilhéus de *Gabriela...* é o coronel Ramiro Bastos, já bastante idoso, mas ainda valente e disposto a ser obedecido e temido. Um outro coronel, Amâncio Leal, é quem revela o papel do chefe político e o poderio dos coronéis na cidade:

[...] quem é que fez esse progresso? Não fomos nós, os fazendeiros de cacau? Temos nossos compromissos, tomados numa hora difícil, não somos homens de duas palavras. Enquanto eu for vivo, meus votos são para meu compadre Ramiro Bastos e pra quem ele indicar. Nem quero saber o nome. (AMADO, 2008, p. 55)

Evidentemente havia aqueles que não eram signatários dos pensamentos do coronel Amâncio Leal creditando aos coronéis e, sobretudo a Ramiro Bastos, as benesses à cidade. O principal antagonista político de Ramiro é o jovem Mundinho

Falcão, exportador de cacau disposto a acabar com o poder dos coronéis, com a pretensão de fazer a dragagem do porto de Ilhéus, por onde escoam as safras de cacau, àquela altura impedido de receber maiores navios por conta de uma alta camada de areia depositada no fundo do mar.

O narrador, no entanto, revela o progresso assentido por Amâncio:

Modificava-se a fisionomia da cidade, abriam-se ruas, importavam-se automóveis, construíam-se palacetes, rasgavam-se estradas, publicavam-se jornais, fundavam-se clubes, transformava-se Ilhéus. Mais lentamente porém evoluíam os costumes, os hábitos dos homens. Assim acontece sempre, em todas as sociedades. (AMADO, 2008, p. 12)

Ilhéus, naqueles anos de 1920, via desabrochar a sua *belle époque* na paisagem e na arquitetura. Fenômeno este que revela a ambivalência das mudanças que atingem o externo, para usufruto das classes mais privilegiadas, enquanto poucas mudanças sociais são efetivadas. O narrador estabelece as modificações em consonância com modos de viver e noções de valores, subtendidos como "ideais modernos, condensados no que então era visto como associação indissolúvel entre os conceitos de progresso e de civilização" (NEVES, 2008, p. 19).

Em outra passagem, revela-se a troca de favores no sistema coronelista. Ramiro Bastos pretende eleger um deputado federal e assim o comunica para o coronel Aristóteles, um antigo apoiador seu, agora aliado de Mundinho:

- Nesse doutor Vitor, coronel, não voto mais. Nem que o mundo venha abaixo. Não presta pra nada. Tanta coisa pedi, nada fez.  
Ramiro falou com sua voz autoritária, como quem repreende um menino desobediente:  
- Por que você não se dirigiu a mim para os pedidos? Se pedisse por meu intermédio, ele não ia negar. A culpa é sua. Quanto a votar nele, é o candidato do governo, vamos elegê-lo. É compromisso do governador. (AMADO, 2008, p. 295)

A morte de Ramiro Bastos, no final da narrativa, coloca em destaque os arranjos em torno de quem herdaria o posto de chefe político de Ilhéus e evidencia as disputas em torno da sucessão de um chefe político local. Naturalmente, alguns preferiam que o filho do velho coronel assumisse o cargo, entretanto "não era homem brilhante nem primava de energia, não nascera para mandar" (AMADO, 2008, p. 368). Outros viam no coronel Amâncio Leal o sucessor legítimo de Ramiro:

A grande maioria punha-se de acordo em torno do nome perigoso e inquietante do coronel Amâncio Leal. Esse o real herdeiro político de Ramiro. Para os filhos ficavam a fortuna, as histórias para contar aos netos, a legenda do coronel desaparecido. Mas o comando do partido, esse só podia pertencer a Amâncio. Fora ele a segunda pessoa de Ramiro, indiferente aos postos, mas participando de todas as decisões, única opinião acatada pelo finado dono da terra. Murmurava-se ser projeto dos dois amigos unir as famílias Bastos e Leal, através do casamento de Jerusa com Berto, apenas o rapaz terminasse o curso. A velha empregada de Ramiro contava ter ouvido o ancião falar nesse plano, ainda dias antes de morrer. (AMADO, 2008, p. 368)

Entrevê-se que a capacidade política de um bom coronel estava em saber costurar acordos, mas também a de impor respeito e medo, de saber mandar e se fazer ser obedecido, não à toa o emprego de jagunços:

Quanto aos escrúpulos, não foram com eles que progrediram as cidades do sul da Bahia, que se rasgaram as estradas, plantaram-se as fazendas, criou-se o comércio, construiu-se o porto, elevaram-se edifícios, fundaram-se jornais, exportou-se cacau para o mundo inteiro. Foi com tiros e tocaias, com falsas escrituras e medições inventadas, com mortes e crimes, com jagunços e aventureiros, com prostitutas e jogadores, com sangue e coragem. (AMADO, 2008, p. 48)

A política feita pelos coronéis na narrativa é indissociável do uso da violência. Jornais em pilhas são queimados, as salas de redação são invadidas e os responsáveis pela imprensa, acuados. É um processo que Jorge Amado classifica de “velhos métodos” (2008, p. 215), atribuindo a estes métodos uma condição de tradição estritamente vinculada ao agir e existir do coronel do cacau, visto que o escritor compõe sua trama identificando na formação da chamada civilização grapiúna um alto teor de violência. É pela boca da personagem João Fulgêncio que se sentencia: “Isso, que se chama de civilização ilheense, foi construído a base de documentos falsos” (AMADO, 2008, p. 347). A personagem reflete acerca da posse de terras mediante compra de falsas escrituras, procedimento usual na cidade que denotara por coronel todo aquele “dono de roça de mais de mil arrobas” (Idem, p. 33).

### **Os coronéis em sociedade**

Os coronéis, no entanto, não se resumem na obra a discutir política na intendência e nas fazendas. Frequentadores assíduos do bar Vesúvio, de Nacib, e do bordel de Maria Machado, discorrem sobre a vida, sobre as mulheres, sobre as safras e os afazeres, preparam casamentos, confraternizações, propõem alianças

para tocaias, ouvem versos compostos pela intelectualidade local e ainda tecem os elogios aos quitutes de Gabriela. O bar de Nacib, por sinal, é um ponto crucial de encontro na narrativa e é lá onde “sabia-se de todas as novidades, comentavam-se os mais mínimos acontecimentos da cidade, as notícias do país e do mundo” (AMADO, 2008, p. 5). E fora lá também onde o coronel Ribeirinho discorrera sobre uma de suas paixões, as bebidas: “Sentiu-se em terreno familiar e iniciou uma preleção sobre os diversos tipos de cachaça. Em Ilhéus fabricavam uma, ótima, a Cana de Ilhéus, era quase toda vendida para a Suíça onde a bebiam como uísque” (Idem, p. 271).

É o mesmo Ribeirinho quem, ao conhecer o promotor e poeta Argileu Palmeira, dissera, com desconfiança: “Esses tais poetas em geral não passavam de eméritos facadistas” (Idem, p. 267). Disposto a vender seus livros, Argileu encontrara na disputa de Mundinho e Ramiro uma forma de faturar com sua produção artística bem ali no Vesúvio:

Mundinho Falcão dera cem mil-réis por um livro, além de comprar uma entrada. O coronel Ramiro Bastos dera cinquenta, em compensação comprara três entradas. E o convidara para jantar daí a dois dias. Argileu informava-se com antecedência dos particulares de cada praça a visitar. Soubera assim da luta política em Ilhéus, viera armado de cartas para Mundinho e Ramiro, de recomendações para os homens importantes de um e outro bando. (AMADO, 2008, p. 270)

Festas e banquetes arregimentam os coronéis ilheenses em torno das comemorações cívicas, dos aniversários e dos negócios em andamento, como em jantar encomendado a Nacib, “para festejar a inauguração da empresa de ônibus” (AMADO, 2008, p. 65). Outra inauguração, a da Associação Comercial, cuja diretoria fora disputada pelos aliados da família Bastos e pelos amigos de Mundinho Falcão, tornou-se “um dos mais importantes sucessos daquele ano” (Idem, p. 208). As longas conversações dos coronéis revelam a imponência dos seus negócios, o luxo vindo de longe, a criação de uma Ilhéus para deleite dos ricos e abastados:

Falavam da safra anunciando-se excepcional, a superar de longe todas as anteriores. Com os preços do cacau em constante alta, significava ainda maior riqueza, prosperidade, fartura, dinheiro a rodo. Os filhos dos coronéis indo cursar os colégios mais caros das grandes cidades, novas residências para as famílias nas novas ruas recém-abertas, móveis de luxo mandados vir do Rio, pianos de cauda para compor as salas, as lojas sortidas,

multiplicando-se, o comércio crescendo, bebida correndo nos cabarés, mulheres desembarcando dos navios, o jogo campeando nos bares e nos hotéis, o progresso enfim, a tão falada civilização. (AMADO, 2008, p. 17)

Os coronéis promovem uma transformação externa na paisagem e na arquitetura da cidade, deleitam-se com os ares europeus e os transportam para o sul da Bahia; é a *belle époque* de Ilhéus criada pelos novos hábitos dos fazendeiros e pela exploração das classes mais baixas da sociedade.

[...] a cidade esplendia em vitrines coloridas e variadas, multiplicavam-se as lojas e os armazéns, os mascates só apareciam nas feiras, andavam pelo interior. Bares, cabarés, cinemas, colégios. Terra de pouca religião, orgulhara-se, no entanto com a promoção a diocese, e recebera entre festas inesquecíveis o primeiro bispo. Fazendeiros, exportadores, banqueiros, comerciantes, todos deram dinheiro para a construção do colégio das freiras, destinado às moças ilheenses, e ao palácio diocesano, ambos no Alto da Conquista. Como deram dinheiro para a instalação do Clube Progresso, iniciativa de comerciantes e doutores, Mundinho Falcão à frente, onde aos domingos havia chás-dançantes e de quando em quando grandes bailes. Surgiam clubes de futebol, prosperava o Grêmio Rui Barbosa. Naqueles anos Ilhéus começara a ser conhecida nos estados da Bahia e de Sergipe como a Rainha do Sul. (AMADO, 2008, p. 24)

A arquitetura da cidade é erigida para o prazer dos ricos. O dinheiro dos coronéis financia os seus prazeres, os sucessos das roças de cacau não promovem as mudanças sociais. Ilhéus se abre para o progresso, mas a modernidade em constante contradição permanece nas ruas da cidade:

A cultura do cacau dominava todo o sul do estado da Bahia, não havia lavoura mais lucrativa, as fortunas cresciam, crescia Ilhéus, capital do cacau. No entanto ainda se misturavam em suas ruas esse impetuoso progresso, esse futuro de grandezas, com os restos dos tempos da conquista da terra, de um próximo passado de lutas e bandidos. (AMADO, 2008, p. 24)

Restos dos tempos da conquista, inclusive, os coronéis.

### **Coronelismo e gênero**

Por gênero, expressamos as manifestações e relações entre os coronéis e as mulheres. A obra retrata diversas situações, mas nos limitaremos a duas, fundamentais dentro da obra criada por Amado: o caso entre o coronel Jesuíno Mendonça e sua esposa Sinhazinha e a relação entre o coronel Melk Tavares e a filha Malvina.

Malvina é retratada como uma moça de família rica, educada à moda daquele tempo, preparada pela família para um casamento arranjado, para ser uma moça solteira como na descrição do coronel Ramiro Bastos: “moça solteira é para esperar marido, sabendo coser, tocar piano, dirigir a cozinha” (AMADO, 2008, p. 75). No entanto, Malvina deseja muito mais do que uma vida reclusa dedicada a um marido escolhido pelo pai, tolhida em sua vida. Arredia, escapou do cerco da família, relacionando-se com um homem casado. Assim Jorge Amado escreveu a revelação do coronel Melk ao caso da filha:

- Respeito me tenha! - gritou. - Sou seu pai, baixe a cabeça. Sabe do que falo. Como me explica esse namoro? Ilhéus não trata de outra coisa, até na roça chegou. Não venha me dizer que não sabia que era homem casado, ele nem escondeu. Que tem a dizer?
- Que adianta dizer? O senhor não vai compreender. Aqui ninguém pode me compreender. Já lhe disse, meu pai, mais de uma vez: eu não vou me sujeitar a casamento escolhido por parente, não vou me enterrar na cozinha de nenhum fazendeiro, ser criada de nenhum doutor de Ilhéus. Quero viver a meu modo. Quando sair, no fim do ano, do colégio, quero trabalhar, entrar num escritório.
- Tu não tem querer. Tu há de fazer o que eu ordenar.
- Eu só vou fazer o que eu desejar.
- O quê?
- O que eu desejar...
- Cala a boca, desgraçada!
- Não grite comigo, sou sua filha, não sou sua escrava.  
(AMADO, 2008, p. 239)

Ao analisar o excerto, identificamos que a herança patriarcalista se revela com o domínio ferrenho da vida da filha sob controle do pai, mas também demonstra a afirmativa de Malvina enquanto mulher resolvendo sua vida e colocando em prática seus sonhos, enfrentando o machismo do pai e de uma sociedade que via a mulher como simples acessório à figura do marido, cuja ideia de matrimônio ela repudiava e, de fato, efetivara sua vida segundo suas próprias determinações, pois fugira da cidade e, conforme atesta o livro:

- Muitos meses depois, em plena safra do ano seguinte, noticiou-se que ela [Malvina] trabalhava em São Paulo, num escritório, estudando de noite, vivendo sozinha. A mãe reviveu, nunca mais saíra de casa. Melk recusou-se a ouvir uma palavra sequer:
- Não tenho mais filha! (AMADO, 2008, p. 326).

Um dos pontos fundamentais na narrativa é envolvente ao assassinato de Sinhazinha e de seu amante Osmundo pelo marido dela, coronel Jesuíno. Ao

pegá-los na cama, Jesuíno atirara contra ambos. Coronel influente, fora protegido por seus pares e o assassinato da esposa e do amante percorreria a cidade em longas conversas e fofocas. A principal tese de defesa ao coronel era a expressão de que a honra de um marido traído só poderia ser lavada com sangue; e assim a define o escritor: “Vinha dos tempos antigos, não estava escrita em nenhum código, estava apenas na consciência dos homens, deixada pelos senhores de antanho, os primeiros a derrubar matas e a plantar cacau” (AMADO, 2008, p. 12). Esta justificativa é acolhida por muitos personagens, que passaram a tratar dona Sinhazinha, até então compreendida como mulher temente a Deus e correta, como devassa e libertina, portanto, merecedora do fim que tivera. Ao longo da história, o futuro do coronel Jesuíno é discutido e acreditam que jamais será condenado judicialmente, sobretudo numa Ilhéus dominada pelos coronéis. Mas à medida que o tempo passa e o coronelismo vai enfraquecendo com a ascensão de Mundinho Falcão, símbolo do progresso empreendedor e tecnicista, a situação se mostra diferente. Jorge Amado só revela o destino do coronel na última página da obra, no *post-scriptum*:

Algum tempo depois, o coronel Jesuíno Mendonça foi levado a júri, acusado de haver morto a tiros sua esposa, dona Sinhazinha Guedes Mendonça e o cirurgião-dentista Osmundo Pimentel, por questão de ciúmes. Vinte e oito horas duraram os debates agitados, por vezes sarcásticos e violentos. Houve réplica e tréplica, dr. Maurício Caíres citou a Bíblia, recordou escandalosas meias pretas, moral e devassidão. Esteve patético. Dr. Ezequiel Prado, emocionante: já não era Ilhéus terra de bandidos, paraíso de assassinos. Com um gesto e um soluço, apontou o pai e a mãe de Osmundo em luto e em lágrimas. Seu tema foi a civilização e o progresso. (AMADO, 2008, p. 398)

Ao analisar o papel feminino na primeira década do século XX, Macena esclarece que:

A modernidade seria mudança bem vinda em vários aspectos, dentre eles, a modernização das cidades, o progresso material e moral e as inovações tecnológicas. [...] Mas, quando vão de encontro aos comportamentos definidos como femininos, o que possuía valor era a tradição, a reafirmação dos papéis de gênero tradicionais. (MACENA, 2010, p. 60)

### **Considerações finais**

Em *Gabriela, Cravo e Canela*, Jorge Amado demonstra como o progresso material chega conjuntamente com um sentido civilizacional, mas como dito pelo arguto narrador, e aqui o reafirmamos, “mais lentamente porém evoluíam os

costumes” (AMADO, 2008, p. 12). As personagens femininas na obra, cada qual a sua maneira, buscam transcender a essa ordem patriarcal, são resistência aos desmandos dos homens, vistos os exemplos citados. Malvina deixara a cidade e a família em busca de independência. Dona Sinhazinha, vítima de um marido abusivo, apaixonada pelo dentista Osmundo, entregara-se ao amor do amante e fora vitimada pelo marido. A visão da mulher enquanto objeto de sujeição aos desígnios do homem não está apenas nas ações dos coronéis, percorre toda a história, está em Nacib indeciso se casa ou não com sua amada Gabriela, representada na obra como símbolo de liberdade, “mulata[...] cor de canela” (AMADO, 2008, p. 187, grifo nosso) sexualizada pelos homens de Ilhéus:

Mas como casar com Gabriela, cozinheira, mulata, sem família, sem cabaço, encontrada no mercado dos escravos? Casamento era com senhorita prendada, de família conhecida, de enxoval preparado, de boa educação, de recatada virgindade. Que diria seu tio, sua tia tão metida a sebo, sua irmã, seu cunhado engenheiro-agrônomo de boa família? Que diriam os Ashcar, seus parentes ricos, senhores de terra, mandando em Itabuna? Seus amigos do bar, Mundinho Falcão, Amâncio Leal, Melk Tavares, o Doutor, o Capitão, dr. Maurício, dr. Ezequiel? Que diria a cidade? Impossível sequer pensar nisso, um absurdo. No entanto, pensava. (AMADO, 2008, p. 223)

O progresso e a civilização irradiam por uma Ilhéus nos anos de 1920, o tempo dos coronéis está com os dias contados, a *belle époque* terá seu fim anunciado.

O tempo é visto como um *continuum* entre dois polos que especificam seu ponto de partida e seu *telos*, situado no polo que assinala a sempre renovada conquista do *progresso* e da *civilização*, marcado como um sinal de positividade e oposto ao polo do atraso e da barbárie, negativado. (NEVES, 2008, p. 23, grifo do autor)

É um Jorge Amado situado na década de 1950 olhando para a década de 1920 quem escreve *Gabriela...* Prado (2008, p. 19) esclarece que “a ideia de progresso que imperou desde os finais do século XIX, fora substituída pela de desenvolvimento”. Os anos de 1950, no Brasil, testemunharam diversos rearranjos em um sentido desenvolvimentista, acentuando o processo de industrialização e de economia de mercado.

A junção da política econômica desenvolvimentista com a argúcia política fez com que a imagem de JK ao final de seu governo fosse a de um

presidente que soube quebrar os obstáculos que ainda existiam para o estabelecimento do capitalismo no Brasil. (PRADO, 2008, p. 23)

Em *Gabriela, Cravo e Canela*, Mundinho Falcão, engenheiro formado, representa a técnica aliada à vontade política, é aquele quem trouxe a ideia da dragagem do porto de Ilhéus e assim venceu contra a descrença e a ineficácia dos antigos coronéis. É aquele que deu fim ao “reino dos jagunços” (AMADO, 2008, p. 216) atribuído ao sistema coronelista.

Diversas vezes retardados, terminaram por fim os trabalhos da barra. Um novo canal, profundo e sem desvios, fora estabelecido. Por ele podiam passar sem perigo de encalhe os navios do Lloyd, do Ita, da “Bahiana” e, sobretudo, podiam entrar no porto de Ilhéus os grandes cargueiros, para ali receber diretamente os sacos de cacau. [...] O Doutor esteve à altura de sua fama no discurso de saudação onde comparou o engenheiro-chefe a Napoleão, mas um Napoleão das batalhas da paz e do progresso, vencedor do mar aparentemente indomável do rio traiçoeiro, das areias inimigas da civilização, dos ventos tenebrosos, podendo contemplar com orgulho, do alto do farol da ilha de Pernambuco, o porto de Ilhéus por ele “libertado da escravidão da barra, aberto a todas as bandeiras, a todos os navios, pela inteligência e dedicação dos nobres engenheiros e competentes técnicos”. (AMADO, 2008, p. 388-389)

O tecnicismo de Mundinho soçobrou o mundo dos coronéis, então ineficazes em responder aos problemas que a própria modernidade trouxera. Ao dragar as areias do porto, maiores navios atracavam e, portanto, maiores as quantidades de sacas de cacau a serem exportadas. Mundinho, num gesto de aceno político, é convidado a comparecer em Salvador, para discorrer com o governador do Estado da Bahia sobre as futuras eleições municipais (AMADO, 2008, p. 377). Ilhéus mudava com constância,

cada dia uma novidade, uma nova agência de banco, novos escritórios de representação de firmas do sul e até do estrangeiro, lojas, residências. Há poucos dias, no Unhão, num velho sobrado, instalara-se a União dos Artistas e Operários, com seu Liceu de Artes e Ofício, onde estudavam rapazes pobres aprendendo a arte de carpintaria, de pedreiro, de sapateiro, com escola primária para adultos, destinada aos carregadores do porto, ensacadores de cacau, operários da fábrica de cacau. (AMADO, 2008, p. 389-390)

As mulheres na obra são resistência ao poder dos coronéis. A liberdade sexual de Gabriela, a emancipação de Malvina e a absoluta entrega de Sinhazinha Guedes Mendonça ao amor são forças que suplantaram o mandonismo dos homens. É a condenação do coronel Jesuíno Mendonça, muito mais do que seu

juízo, pelo assassinato da esposa com o amante que simboliza este novo tempo para Ilhéus. Em outros tempos, na cidade dominada pelos coronéis, a política do compadrio protegeria o proprietário de terras. No entanto, “*pela primeira vez, na história de Ilhéus, um coronel do cacau viu-se condenado à prisão por haver assassinado esposa adúltera e seu amante*” (AMADO, 2008, p. 398, grifo nosso).

Jorge Amado esmiúça em sua narrativa o coronelismo enquanto sistema político e social modificando a paisagem de Ilhéus e a mentalidade do seu povo. Violentos, os coronéis roubam as terras do povo pobre e trabalhador, utilizam da burocracia governamental para atestarem suas posses fraudulentas, contratam jagunços que ora lhes protegerão e ora serão os executores de seus crimes, embelezam a cidade com novas construções e promovem a vida cultural da elite ilheense.

Homem de seu tempo, Amado estava atento às discussões e disputas políticas, e é fundamental demarcar que

o abandono da militância comunista após 1956 não significou o fim dos seus compromissos com determinados setores da sociedade — prática que julgamos ser impossível a qualquer artista ou escritor. Jorge Amado apenas regressou ao seu engajamento difuso, construindo novas relações e, inclusive, mantendo mediações com intelectuais, instituições e segmentos da esquerda brasileira e internacional. Novos temas reivindicatórios que surgiram com maior vigor nas últimas décadas do século XX, como a liberdade social e sexual da mulher (causa de mobilização do movimento feminista), as questões ambientais (destacadas por diversas lutas ambientalistas), a independência das nações africanas de língua portuguesa e a defesa do patrimônio histórico material e imaterial (emergente com força em Salvador) e das culturas e religiões afro-brasileiras, estavam entre alguns dos novos engajamentos literários e sociais do escritor baiano. (PONTES, 2018, p. 493)

A civilização grapiúna tem no coronel uma de suas principais representações, mas também pertence a ela o povo pobre massacrado por essa mesma elite, os negros, os mascates, os intelectuais, os estrangeiros e as prostitutas que viram nas terras do sul da Bahia a esperança de modificarem suas vidas.

## Referências Bibliográficas

AMADO, J. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, J. **Navegação de Cabotagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

- AMADO, J. **O Menino Grapiúna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ARRUDA, L. G. **Apontamentos sobre mandonismo, coronelismo**: continuando o debate conceitual. Natal: ANPUH, 2013.
- CAMILLOTTI, V.; NAXARA, M. R. C. História e literatura: fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 50, p. 15-49, jan./jun. 2009. Editora UFPR.
- CHALHOUB, S. **Machado de Assis Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHARTIER, R. O Mundo como texto. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, 1991.
- COELHO, F. Conceitos “cultura” e “representação”: contribuições para os estudos históricos. **Fronteiras**, [S. l.], v. 16, n. 28, p. 87-99, 2014. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/4544>>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- DURÃO, F. A.; PERUCHI, C. Sobre o realismo socialista brasileiro de Jorge Amado. **Lit. teor. hist. crit.**, Bogotá, v. 24, n. 1, p. 187-208, Jun. 2022.
- MACENA, F. F. **Madames, Mademoiselles, melindrosas**: “feminino” e modernidade na revista Fon-Fon (1907-1914). Dissertação (Pós-graduação em História) - Universidade de Brasília. Brasília, 2010. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/54384225-Madames-mademoiselles-melindrosas-feminino-e-modernidade-na-revista-fon-fon.html>>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- NEVES, M. de S. Os cenários da República: O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, J; DELGADO, L. de A. N. (org). **O Brasil Republicano**: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 13-44.
- PAES, J. P. Arte de Mestre. In: AMADO, J. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 399-409.
- PONTES, M. de M. **Jorge Amado**: entre engajamentos e a militância comunista (1929-1956). 2018. 527 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8432>>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- PRADO, M. E. Os Intelectuais e a eterna busca pela modernização do Brasil: O significado do projeto nacional-desenvolvimentista das décadas de 1950-60. **Historia Actual Online**, n. 15, p. 19-27, 2008. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2546980>>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- SANTOS, J. V. A literatura como fonte para a história: breves considerações. In: **Seminário de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas**, 2009.
- SEVCENKO, N. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1999.